

1º Concurso FNLIJ Leia Comigo! 2002

Relato Real:

BRINCANDO COM OS SENTIDOS

Autor: Caio Silveira Ramos

São Paulo – SP

Ele era professor de português; ela, de música. Assim, quando dei por mim, sentado à minha mesinha com gavetas ao lado da escrivaninha do meu pai, a palavra escrita apareceu recheada de todos os sons. Eu, ainda sem saber retirar dos livros os sentidos de todas as letras, aprendi a ver a música saindo com os seus cheiros das enormes estantes do escritório.

No início era pedir sem fim: queria que me contassem as histórias, que me dissessem o que se escondia por trás das letras impressas abaixo das figuras dos livros coloridos. Que me explicassem por que minhas irmãs, deitadas sob as cobertas, choravam ao ouvir meu pai, com sua voz decifradora de tons, narrar as histórias de um livro chamado: *Coração de vidro*.

E de tanto pedir, de tanto procurar, fui aos poucos domando as palavras e seus estranhos sentidos. Ficava parado em frente à estante, olhando lombadas, procurando histórias. E ao invés de pedir, passei a perguntar: “este é bom?”. “Este não é o melhor?”. E a resposta vinha quase sempre envolta em um “leia os dois, mais um de cada vez” ou “que tal esse aqui?”. E eu lia. Lia dois, três, devorando as vidas que me invadiam os olhos. E tanto invadiram que compreendo as lágrimas das minhas irmãs e passei a chorar com os próprios olhos as tempestades de José Mauro de Vasconcelos.

Depois vieram as viagens para São Paulo. Minha mãe fazia a malinha e lá ia eu, orgulhoso com o meu pai pegar o ônibus. Andávamos o dia inteiro: ele atrás dos seus livros; eu olhando a cidade, esperando o grande momento. E o momento chegava, no final do dia, escondido pelo Teatro Municipal: na rua Conselheiro Crispiniano parecia minha livraria predileta. Então meu pai, sempre tão preocupado com pequeno salário conseguido pelas manhãs, tardes e noites de classes lotadas, abria o sorriso e os bolso, deixando que eu me embalasse nos livros de aventura. Entre Orígenes lessa, stevensons twains ele sempre aumentava o meu pacote com adaptações deliciosas das obras de Dante, Shakespeare e Victor Hugo. À noite, dormíamos em um pequeno hotel na Sete de Abril, que eu achava lindo porque os quartos eram acarpetados e havia suco de laranja e geléia no café da manhã. E meu sono abria a sacola de plástico com os meus livros e eu, com nove me transformava no Capitão de 15 Anos, de Júlio Verne.

Houve o dia em que abriu-se para mim a biblioteca da minha cidade. Fizemos a carteirinha, meu pai ajudou a procurar nos infinitos fichários de metal, preenchemos a ficha e meu coração se encostou no balcão (será que tem, será que tem, será que tem mesmo o livro?), acompanhando a funcionária que se perdia entre as estantes. E lá vinha ela, com dois livros na mão, o meu e o dele, encadernados, trazendo no ar o cheiro de histórias antigas, lobatos nunca lidos em histórias diversas.

Foi então que a idéia chegou. Devagar, brincando com meus sentidos, mostrando um caminho para além dos livros das estantes. Eu queria conhecer o rosto e a alma dos homens e mulheres que revelavam meu espírito. Inspirado por um tia de Jundiaí, que na infância se correspondia com Monteiro Lobato,

decidi (com a cumplicidade marota da minha mãe) escrever cartas para escritores. Mais onde eles se escondiam? Procurei em listas telefônicas, nas biografias de livros e comecei pelo caminho mais difícil: encontrar Maurice Druon. Eu havia lido *O Menino Do Dedo Verde* e me encantara. Era preciso descobrir quem era o criador de Tistu, do jardineiro Bigode, das flores saídas dos canhões. Escrevi a carta dizendo em português tudo o que eu queria desvendar. Meus pais leram e, apesar de escreverem bem em francês, pensaram que seria bom daquele jeito mesmo. Do meu jeito. Minha mãe comprou o envelope e fomos ao correio. E sem endereço, enviamos assim: “Monsieur Maurice Druon a/c da Academia Francesa de Letras”. Só.

Um mês depois entra por baixo da porta um envelope grande. Entre os selos coloridos, o meu nome brincando pela rue de Varenne. Segurando a pressa das mãos para não estragar o envelope, vi pular para fora uma foto enorme em preto e branco. Lá estava ele. Fardão da Academia Francesa, uma das mãos no bolso e a dedicatória em francês, que meu pai, me abraçando revelou: “Ao amigo de Tistu, um abraço carinhoso de Maurice Druon”. Foi a glória: Eu correndo pelo quintal, fazendo volta olímpica, recebendo beijos de mãe, irmãs. Do mundo.

Fiquei insaciável. Agora eram cartas para Marcos Rey, Francisco Marins, Luiz Puntel, Astrid Lindgren. Meu pai indo no telefônica procurar endereços. Minha mãe corrigindo minhas cartas. E vice-versa.

Eu me sentava horas na escada de casa e ficava olhando para porta de entrada com seus vidros trabalhados, esperando ver o vulto amarelo do carteiro. E quando o vulto aparecia, o coração disparava, esperando o que viria por debaixo da porta. Olhava então carta por carta e, muitas vezes descobria entre contas de luz e extratos de banco o nome dos escritores, que docemente me respondiam como se eu fosse um deles e não um menino do interior, perdido entre os livros.

Mais um nunca me respondeu. O homem de coração de vidro, dois veleiros de cristal, José Mauro de Vasconcelos. Escrevia longas cartas, falando dos seus livros, dos meus personagens, dos meus rios. De Rosinha. Mas Zé Mauro (era sim que eu o chamava) nunca me respondeu. Eu tentava endereços de parentes, editoras, mas nenhuma resposta. Diziam que ele estava em alguma de suas viagens entre os índios da Amazônia. Ou doente, muito doente. E continuava escrevendo longas cartas, esperando que a qualquer hora ele entrasse em meus sonhos e conversasse comigo, na forma de um sapo, de uma canoa, ou de Maurice Chevalier.

Em uma noite, porém, o telejornal anunciou a morte de Zé Mauro. Meu pai caminhou pela minha tristeza e foi me encontrar no quarto, engolindo o choro. Me deu um beijo na testa e disse simplesmente: “Mas os livros vão ficar com você.” Não entendi bem aquilo mas algo serenou e eu dormi em paz, sonhando com o carteiro amarelo. Acordei hoje e antes de ligar o computador, olhei para os meus livros na estante. Já não preciso escrever para os escritores para desvendar suas almas. Elas estão expostas naquelas palavras, como se tomasse sol. Zé Mauro, Lobato, Maurice, estão todos ali: conversando comigo, revelando seus sonhos, me dizendo boa noite. E nas margens dos livros, vou redescobrir meu pai nas anotações à caneta que fazia: pequenos resumos, observações, palavras novas. Palavras: agora já posso tocá-las com as mãos, descobrir seus gostos, cheiros. Meu pai deixou os rastros e agora eu posso seguir, recriando todos os seus caminhos.

Todos os meus caminhos.

Relato Ficcional:

NÃO VÁ EMBORA, CLARICE

Autora: Eloí Elizabet Bocheco

São José – SC

De primeiro era assim: a gente chegava aqui, pegava as ferramentas de trabalho e ia varrer as ruas do lado da Praça XV. Todo santo dia era a mesma coisa: varrer, varrer, juntar o lixo e pronto.

Aí, um dia, veio aqui uma moça com uma baita sacola de livros (eu nunca tinha visto tanto livro!) e perguntou se a gente queria ler aqueles livros. Eu, Luzia Lopes, fui a primeira a levantar a mão. Quase todas quiseram. A Ilse não quis, não porque ela não quisesse mesmo, mas porque ela não sabe ler e a Tina porque é muito envergonhada. Mas, isso foi só no começo, porque a moça era jeitosa, dava de si, puxava pelo nosso tino, vazia a gente ver que temos tutano e um certo poderio dentro de nós.

Desse dia em diante, durante um ano, dois dias por semana, a gente chegava meia hora antes para ler os livros da moça (Clarice era o nome dela). Toda terça e sexta era aquela novidade boa e só depois a gente ia para varreção de rua. Os livros eram bonitos no feitio dos desenhos e nas idéias. Em seguidamente, aconteceu uma coisa muito boa: a Clarice viu que meia hora não dava pra nada, passava muito ligeiro e ela não podia ficar mais tempo porque tinha que dar aulas na universidade. Então ela passou a emprestar os livros pra gente levar pra casa e devolver no próximo encontro.

Ficou acertado assim, porque, às vezes, quando a gente tava só com os pés de fora e o resto do corpo todo dentro do livro, acontecia dela ter que ir e aí babau ver a continuação. Tinha que esperar dois dias e dois dias é muita coisa quando a gente tá ficando cada dia mais gostadeira de leitura e de livros, e lendo livro de tudo quanto é tamanho.

Uma coisa que me deixava fora de mim, eu nem sentia o chão debaixo dos pés, nem via o que acontecia ou deixava de acontecer ao redor, e o meu olho ficava coalhado, era quando a Clarice lia as histórias dos livros para nós! Aí é que eu ficava mais acessa para ler, aquilo me expertava por dentro, me remexia o juízo.

No final dava um guaiú na salinha de ferramentas porque todas as colegas queriam levar para casa o livro que tinha sido lido pela Clarice. O livro, lido por ela, parecia que incendiava na nossa frente, criava assas, ficava muito mais bonito e dava gana de ler um monte de vezes. Era ela tinha que jogar o uni...duni...tê...salamê...minguê... para poder ver que levava o livro, que senão dava briga. A Teroça quase que fica de mal comigo por causa de um livro, meu Pai do céu! A Clarice fazia gente virar uma criançarada! Imaginem umas velhantonas, todas com mais de 30 anos, pulando que nem loucas e gritando para disputar o livro, o que é isso, o que é?

Ela ficava muito compenetrada quando lia os livros para nós. Lia bem lido, bem certinho, falava quem escreveu as palavras e quem pintou as figuras. Quando ela lia poesia eu não me agüentava de tão bom que eu achava aquelas palavras combinativas que pareciam música. Fazia eu me lembrar da minha avó, que era declamadeira de versos e parecia que eu voltava lá atrás, na beira do rio onde me criei.

Acontecia, algumas vezes, de a gente não entender e mesmo não gostar de um determinado livro e aí a Clarice pegava esse livro e lia para nós no modo bom que ela tem de ler e parecia que aquilo que não chegava ao nosso entendimento pelos olhos, chegava pelos ouvidos. O livro pegava a crescer na voz da Clarice, a crescer, a crescer, e a encher a gente de emoção e contentamento.

(Tem mais coisas ainda que quero dizer, será que vai caber tudo aí no seu gravador e no seu jornal?)

Levar os livros pra casa foi muito bom porque nós mostramos os livros pros nossos filhos e lemos com eles. A gente repartia os livros com eles. É que nem uma repartição de pão, né? Só que é pão pra alma se arregalar.

Quando eu saía de casa, pela manhã, o meu filho ficava na janela gritando: Traga tal livro! Aquele da *panela de arroz*, que tem adivinhações pra abrir portas, esse menino de apegou dum jeito! Eu chegava do trabalho, ia limpar a casa e ele atrás de mim com a *panela de arroz*, pedindo pra ler com ele. Depois foi o da *velhota cambalhota*. Eu não sei como ele não enjoava de tanto ler esse livro. Tinha vezes que lia o livro inteiro e outras vezes queria ler só algumas passagens. Se na sacola tivesse mais livros do mesmo nome, a gente podia ficar mais dias com o livro, mas, assim, tinha que devolver logo, senão as colegas não podem levar para os filhos delas também. Livros como *Coco de passarinho*, *A menina que o vento roubou*, *Melusina*, *Boi da cara preta*, *Vovó quer namorar*, *Alice no País das Maravilhas*, *Pomar de palavras*, *Saco de brinquedos*, por exemplo, tinha que ter uns cinco de cada, eu acho.

Todos os livros bonitos são meus preferidos, mas têm uns que são mais preferidos que outros. *Ciganos* (a senhora conhece?) que livro pra me fazer sonhar! Esse é um livro que eu queria ter pra sempre. Volta e meia eu ia estar lendo. A sola do meu pé é de cigano. Tá sempre querendo partir. Já parti um punhado de vezes. Outro livro que, se eu pudesse eu queria ficar perto dele todo dia é *vó que faz poema* (que podia ser a minha vó se ela tivesse estudado em escola). Quando eu tivesse alegre eu ia ler esse livro e quando tivesse triste ia ler também.

Sabe quando você lê um livro e se assusta com a boniteza dele? Um assustamento bom, que nem quando chega de surpresa alguém estimado e você se assusta de felicidade? Tenho certeza que livro dá felicidade pra gente. Uns dão mais que outros. Esses que dão felicidade cada vez que a gente lê dá vontade de ficar com eles pra sempre como esses que eu falei. Mas, têm tantos... foi uma sorte a Clarice ter trazido essa sacola de felicidades pra nós, né?

Tenho pra mim que, senão temos o livro, faltava uma luz dentro da gente. Livro ajuda a gente a viver de outro modo, com outras vontades, tira a casca da vida pra gente ver como a vida é por dentro. Parece que nascemos de novo e com mais força pra botar o pé no mundo.

Têm livros que dão voltas e voltas no nosso juízo até a gente compreender e quando compreendemos parece que uma coisa se encorpou dentro de nós. E aí as coisas vão ficando mudadas nos nossos sentidos, como se a gente fosse ficando outra pessoa e não fosse mais uma pessoa de todo o dia que larga suor pelo mundo e é só isso.

Uma vez a Clarice disse que livro eu caí na palma é como cascalho que cai num rio. Primeiro forma um onda pequena que se alarga, se alarga e abraça a margem do rio, e abraça tudo que tiver na margem, planta, pau,

pedra, mãe d'água. Quem tiver por perto é abraçado por aquela onda se abrindo. Livro também vai abrindo caminho, nunca vi!

Não sei dizer quantos livros eu levei pra casa, daria uma lista bem grande se eu fosse assentar todos no papel. Sei dizer que muito menino e gente grande lia o que eu levava. Era o meu filho. Era o amigo meu filho. Era a professora dela, a turma dele e todo mundo que vinha aqui.

Quando um livro era mais dificultoso que nem *Coração não toma sol*, *A bolsa amarela*, *O livro dos medos*, *Entre a Flor e a Espada*, (peraí... Valdete me ajude aqui lembrar...). Há, sim, um do Manoel Bandeira, mais não tinha outro escritor de livro que também era Manuel? Pois é, tinha, esse outro também era Manoel mas era de Barros e o livro era *Gramática expositiva do chão*, pois então, quando um livro era dificultoso pra nós, a Clarice ia lendo de parte em parte até o fim e ia comentando. Ela botava perguntava pra nós, botava pro livro e aí dava pra entender bastante. Ela era engraçada: ela cutucava no livro com a sabedoria dela, e também cutucava a nossa inteligência, que também cutucava o livro, entende? Eram voltas que ela fazia pra gente poder entrar mais naquela leitura.

Essas eram conversas muito boas. A mais faladeira era eu, mas todas falavam, até a Ilse, que agora tá aprendendo a ler na classe do professor Dalto dos Reis Pires. Por sinal, ele ficou de vir aqui um dia, ler com a gente. A Ilse levava os livros da mala pra ele e ele dava muito atenção; é um homem muito paciente e ama as leituras. Já vi que quem ama as leituras tem coração manso pra lidar com a gente.

Fazia um ano e pouquinho que as leituras iam e vinham quando desabou sobre nós uma notícia preveste: a Clarice ia embora. Ela casou com um rapaz do Sergipe e se foi. Tanto moço bonito por aqui pra Clarice se apaixonar, ela tinha que se apaixonar logo por um rapaz do Sergipe, meu Deus?! Mas ela disse que uma amiga dela ia continuar trazendo os livros pra nós. Isso já faz um mês. A Valdete não agüentou e foi lá na universidade saber alguma notícia. A Teroça e eu ficamos atrás da coluna olhando a Valdete entrar de porta em porta a pedir contas das leituras da mala. Ela parecia uma advogada, eu até tropecei na Teroça de tanto me rir. O que a gente não faz pelo livro quando ficava ligada nele?

A Clarice dizia que a gente precisava saber que tinha direito ao livro, mas para lutar por ele, precisava estar pegada nele, tão pegada, que não agüentasse mais dele se separar. Na última porta tinha um moço. Moço de cara boa. Moço muito gentil. Disse que não vai demorar e vem mesmo outra moça ler com a gente, falou até que o nome dela é Rosália. Tomara que seja logo, a gente mal pode esperar.

Menção Especial

Relato Real:

LIVROS NO MAR

Autora: Maria de Fátima Pinheiro de Castro Neves

Rio de Janeiro - RJ.

Além de estarem sempre com algum livro na mão e incentivarem os filhos a fazer o mesmo, meus pais tinham o hábito de alfabetizar. Todas as empregadas analfabetas que tivemos saiam lá de casa sabendo ler e escrever. Depois do jantar, minha mãe sentava-se à mesa com a *Cartilha Maternal*, de

João de Deus – a mesma que usara para alfabetizar-me – chamava a empregada, e começava sua aula, Nem dávamos muita atenção a isso, pois era cena comum na nossa infância, quase fazia rotina da casa. Em poucos meses já estávamos compartilhando nossos livrinhos de histórias com essas moças.

Meu pai também foi um grande alfabetizador. Oficial da Marinha Mercante, nas longas jornadas pelo mar costumava alfabetizar os marinheiros, que naquele tempo eram contratados pela prática, e não cursavam escolas preparatórias. Usando também a Cartilha Maternal, ensinou muitos marujos a ler e escrever, alguns ainda muito jovens, outros mais velhos, curtidos pela dura vida no mar, e que mesmo demorando algum tempo, graças a essa oportunidade conseguiram alfabetizar-se.

Mas a atividade do meu pai não ficou limitada a ensinar a ler: providenciou também o que ler.

Quando ele embarcava, qualquer que fosse o navio onde estivesse e para onde quer que navegasse, levava sempre uma caixa com livros para ler durante a viagem, e que eram compartilhados com os outros oficiais. Quando foi para o Loide Equador, navio cargueiro do Lloyd Brasileiro que comandou durante muitos anos, meu pai resolveu tornar esse empréstimo de livros uma coisa permanente, resolveu criar uma biblioteca a bordo. A tripulação gostou da idéia, pois não havia televisão naquele tempo, e, além de ler, a única distração durante as travessias era jogar cartas, damas e jogos de dados. O único lugar disponível para guardar os livros era o refeitório do andar superior, onde havia dois armários de metal com portas de vidro destinados a guardar louças, mas não era usados. Ali foi instalada a biblioteca do navio.

E que biblioteca! Meu tio mandou sua coleção de *science-fiction*, eu doei alguns livros da *Coleção Menina e Moça*, meu irmão deu a coleção do Tarzan. Mas a melhor doação foi de um vizinho, diretor da Melhoramentos no Rio de Janeiro. Ele mandou duas caixas enormes com livros, e numa delas tinha as obras completas de Shakespeare, em diversos volumes ilustrados. Meu pai conseguiu ainda romances, relatos de viagens, histórias policiais e obras de autores que iam de Eça de Queiroz a Alan Kardec, de Racine e Corneille ao Almanaque do *Diário de Notícias*.

A biblioteca era muito organizada. O bibliotecário era sempre o Segundo Piloto, que ficava com a chave e o livro onde eram anotadas as retiradas e as devoluções. A biblioteca continuou crescendo, e depois de ocupar os dois armários, continuou na estante do camarote do meu pai, onde antes só havia livros de navegação.

Muitas vezes, nas férias, viajávamos nesse navio, e durante as longas travessias líamos tudo. Foi assim que tomei contato pela primeira vez com as obras de Shakespeare. Foi ali que li *O Arco do Triunfo*, de Remarque, li *As Aventuras do Capitão Trelauny* – esqueci o autor – e livros sobre mundos diferentes, como caçadas na África, a pesca de baleias, a conquista do Pólo Norte e muito mais. Além do que a viagem em si nos ensinava, aprendíamos ainda mais com essas leituras. E essa experiência era vivida também pelos tripulantes, pois nunca tinham sido grandes leitores antes disso, principalmente os mais novos, em começo de carreira. Uns mais, outros menos, praticamente todos liam, já que numa biblioteca tão eclética havia livros para todos os gostos. Pelo navio havia sempre alguém com um livro na mão, fosse um oficial no passadiço ou um marinheiro no convés, fosse um jovem praticante de piloto

ou algum velho maquinista. Essa leitura compartilhada, além de instruir, servia de tema de conversa, e os que haviam gostado muito de algum livro o recomendavam aos colegas. Graças a essa propaganda boca a boca havia livros que não paravam nas prateleiras. E é bom lembrar que esses foram os primeiros livros para os tripulantes que tinham aprendido a ler no navio, com o meu pai, e portanto nunca tinham lido nada antes. E talvez tivessem continuado assim se o acaso não os tivesse feito viajar com ele.

Numa dessas viagens, para o nosso espanto, quando o navio parou em Londres e as autoridades portuárias subiram a bordo, a biblioteca foi lacrada. O lacre só poderia ser retirado depois da partida. Ninguém sabia disso, mas ali havia dois autores não autorizados pelo governo britânico, e que não poderiam entrar na Inglaterra.

Quando chegou a época de meu pai aposentar-se, tenho certeza de que uma das coisas que lhe deu saudades foi aquela biblioteca.

Algum tempo depois que ele morreu, soube com tristeza que o Loide Equador, o belo navio que tantas vezes nos levava através dos mares, tinha ficado velho e obsoleto, e estava sendo desmontado, virara sucata. Lembrei-me imediatamente dos livros, e que às vezes fico imaginando o que terá sido feito deles. Terão virado sucata também, vendidos para os compradores de papéis velhos, para reciclagem? Espero que tenham ao menos ido para em algum sebo, de onde outras pessoas poderiam resgatá-los, ou então que algum amigo dos livros os tenha levado para casa. Mas qualquer que tenha sido o seu fim, eles cumpriram seu destino, sua missão: apresentar àqueles navegantes grandes nomes da literatura brasileira e mundial, oferecer-lhes cultura e distração.

Nunca soube de algum outro navio mercante brasileiro que tivesse tido uma biblioteca antes do Loide Equador. Não sei se meu pai foi o primeiro a ter essa idéia, e nem mesmo se essa foi uma experiência isolada. Mas o importante é saber que o meu pai, como os livros, talvez tenha cumprido também uma missão, um destino, o de ensinar a seus comandados o caminho mágico da leitura, colocando-lhes o livro nas mãos e oferecendo-lhes a oportunidade de adquirir o insubstituível hábito de ler.